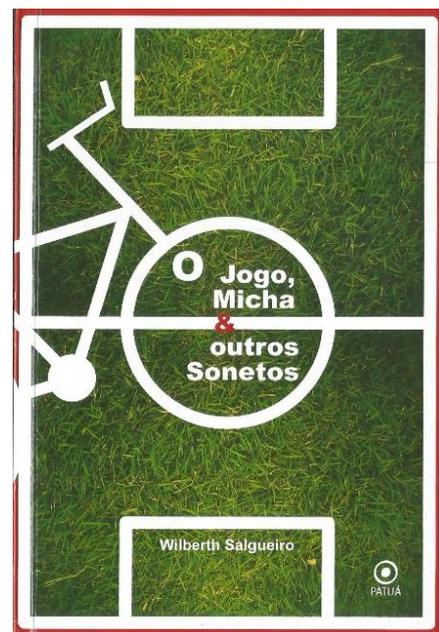


SALGUEIRO, Wilberth. *O jogo, Micha e outros sonetos*. São Paulo: Patuá, 2019.

Paulo Roberto Sodré*



José Lins do Rego na arquibancada todo entusiasmo pelo jogo do Flamengo é a lembrança fotográfica mais remota que guardo da relação de um escritor com o futebol. Não sei se por terem me fascinado seus romances do famoso “ciclo da cana-de-açúcar”, como aprendíamos no colégio, onde a professora Maria de Fátima comentava excertos de *Fogo morto*, ou se por ter sido “perna de pau” (e não “um pé de vento”, como cantou Vinicius de Moraes

* Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

os passes de Garrincha) nas peladas das ruas empoeiradas de Alto Lage, o romance do paraibano que trata de salineiros e futebol, *Água-mãe*, passou-me despercebido. Acho que futebol, apesar da fama de obsessão nacional, é para poucos. E deixei igualmente intocado o *Flamengo é puro amor*, crônicas do paraibano autor de *Menino de engenho*.

Talvez por isso tenha hesitado em encarar de imediato *O jogo, Micha e outros sonetos*, de Wilberth Salgueiro, cuja capa destaca o para mim inacessível campo verde onde duas traves se encaram animosamente para evitar em seus domínios uma bola pontapeada por um dos dez jogadores de pulmão e músculos ágeis e rivais. Contudo, como o poeta é um exímio jogador de decassílabos, um hábil meia de armação de quartetos e tercetos, e um desenvolto ponta para jogos de palavras e rimas, enfrentei a leitura.

Reconhecido crítico literário, professor titular da Ufes e pesquisador do CNPq, com densa publicação em livros de ensaios (*Forças e formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea*, de 2002; *Lira à brasileira: erótica, poética, política*, de 2007; *Prosa sobre prosa: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Reinaldo Santos Neves e outras ficções*, de 2013; *Poesia brasileira: testemunho e violência, humor e resistência*, de 2018; *A primazia do poema*, 2019), em periódicos acadêmicos e, como colunista, no jornal literário *Rascunho*, Wilberth Salgueiro – ou Bith, nas capas de seus primeiros livros de poemas – é igualmente reconhecido por sua paixão pelas desafiadoras formas fixas e seus respectivos metros rigorosos de que se sobressaem gratas tiradas humorísticas.

Seu percurso de haicaísta é iniciado em uma publicação alternativa, *Anilina*, de 1987, e continuado em edição mais convencional pela editora Porto Palavra, *Digitais*, de 1990, com brasileiríssimos haicais (alguns já publicados no primeiro livro). *32 poemas* traz, em 1996, o consórcio de haicais e sonetos produzidos entre 1991 e 1996. Em 2004, deixando os três versos da forma legada por Matsuo Bashô e traduzida por Paulo Leminski, Bith defronta, em *Personcontos*, os catorze versos configurados pela maestria de Francesco Petrarca, continuados

por Luís de Camões, mantidos por Olavo Bilac, atualizados por Vinicius de Moraes, renovados por Glauco Mattoso. Com título em palavra-valise, *Personecontos* (junção dos termos *persona*, *sonetos*, *contos*) avança no domínio técnico e nos temas existenciais, eróticos e meta-poéticos que percorrem os poemas estreantes de origem japonesa.

Exatos quinze anos depois, Wilberth Salgueiro abandona o pseudônimo (Bith), continua o confronto com o soneto (e as variadas alternativas de formatação dos catorze versos) e nos apresenta diversos poemas sobre *partidas*, sejam lúdicas, amorosas, sejam políticas, poéticas: eis o leitmotiv de *O jogo, Micha e outros sonetos*.

Na apresentação do novo livro, José Américo Miranda é certo em sua percepção dos poemas e de sua leitura:

Este é um livro para se ler com cuidado. Primeiro, é preciso vencer preconceitos, “driblar” ideias antigas e encorpadas. Depois, é preciso pôr o mundo entre parênteses, para mergulhar na leitura. O livro é exigente: esnoba na técnica composicional [...] (2019, [p. 9]).

De fato, não espere o/a leitor/a, apoiado/a em “ideias antigas e encorpadas”, encontrar no livro *um mover de versos brando e piedoso*, um *tresloucado* estrofar de Via Láctea ou uma vivência de grande amor. Exigentes e contemporâneos, os 163 sonetos – dos quais 50 já tinham sido publicados em *Personecontos*, de edição esgotada – requerem leitura atenta, detalhada, não raro divertida. Note-se que cada um deles, ainda que faça parte de nove conjuntos ou blocos (“O jogo”, “Insonemínimeus”, “Lugares”, “Amor”, “Contingências”, “Lembranças”, “Micha – uma história triste de se rir”, “Personecontos” e “Oito sonetos antigos”), tem, como orienta o poeta no “Painel” de seu livro, sua autonomia (SALGUEIRO, 2019, [p. 7]).

Mesmo mínimo, o traço narrativo dos poemas de Bith/Wilberth Salgueiro já se nota nos primeiros livros, como nos haicais de *Anilina* (“lá vai o alcóolatra / de lata em lata catando / a noite passada” (1987, p. 55]) e *Digitais* (“um homem...

(foi ontem / no parapeito da ponte / - só ficou a ponte)” [1992, p. 31]). Esse fascínio pela *liricidade* – extraída não dos evidentes verbos ensimesmados de primeira pessoa, mas dos ritmos, dos enjambements e do irresistível calembur conseguidos criativa e ironicamente e a duras penas de transpiração – aliada ao narrativo se desdobra nos sonetos-minicontos de *Personcontos*, como em “Tubi ou Diego”, poema que trata de um flagrante cômico de partida de futebol:

TUBI OU DIEGO (25)

Foi tudo muito rápido. Arqueu
saiu jogando a bola pra Tomé
que, da lateral, viu Tubi correndo
em baita impedimento, sem zagueiros,

mas o juiz deixou passar por causa
de ter sido assim rápido. Então
atacante e goleiro se miraram,
no segundo possível de um olhar

antes do gol fatal. Eis que Tubi
hesita: tenta o drible, tenta o chute...
Foi um átimo: feito um vento sul,

Diego dá o bote, chega em cima.
A torcida, de muda, grita uuhh...
quando, antes de entrar, a bola fura! (BITH, 2004, p. 37; SALGUEIRO,
2019, p. 163).

Em que pese o fato de em *Anilina* o tema do futebol já estar posto (“degrau por degrau / o torcedor derrotado / pela arquibancada” [BITH, 1987, p. 29] ou “no meio da tarde / pênalti: o jogador / a trave parada” [p. 30] – em *Digitais*, no entanto, nenhum sinal de bola ocorre, exceto a menção à do jogo de sinuca), é justamente no livro de 2004 e nesse poema que parece estar o gérmen do que virão a ser a motivação e o fundamento de “O jogo”, um dos blocos mais alentados do novo livro: a habilidade em narrar decassilábica e heroicamente os passes (do futebol e da relação pai torcedor-filho) em sonetos petrarqueanos de rimas heterofônicas e “predominantemente imprevisíveis”, como citará *pignatariamente*²⁵ mais adiante Micha, personagem do 7º bloco do livro (SALGUEIRO, 2019, p. 128).

²⁵ Em depoimento publicado no *Bravos companheiros e fantasmas 8*, Salgueiro afirma: “Décio Pignatari em *O que é comunicação poética* foi incisivo ao afirmar que as melhores rimas são as

Conjunto de 51 *catorze versos*, “O jogo” narra as memórias de um campeonato vivido por Carlos e seu pai, Joaquim, em 2012, em Cachoeira Doce. O embate entre Nova Estrela e Patrióticos se justapõe aos conflitos entre pai e filho. Em que pese o interesse que o tema enseja, dos vários aspectos a se destacarem nesse labor dos sonetos um deles é a sofisticação das rimas que, entoantes, se aclimatam a monossílabos de palavras fragmentadas, num ousado tipo de encadeamento de sons e ideias que revela bem o trabalho exigente de Bith Salgueiro. Disso é exemplo a composição de “Ofício” (p. 52):

Eu vi, menino, o jogo. Pode crer
nas coisas que relato. Escritor
tem por dever ser vero. É nosso o-
fício. Mas o placar, os gols, isso eu

recordei, pesquisei (vê lá no Goo-
gle: “decisão entre Nova Estrela e
Patrióticos, ano de dois mil
e doze, na cidade de Cacho-

eira Doce”). Meu pai Joaquim mor-
reu. Mamãe também. Tenho um filho. Juro
(e olha que sou ateu de carteirinha)

que jamais vi um jogo tão incrível.
Não me lembro de tudo, mas de muito.
E é hora de falar da grande dor.

No texto, o narrador recorda desde a infância a partida entre Nova Estrela e Patrióticos (arena futebolística simbolizando talvez o nefasto jogo político de 2018). No poema, as rimas chamativas entre “crer-eu”, “Escritor-o”, “Goo-Cach-o-[u]”, “Estrela e-mil”, “mãe-dor”, “carteirinha-incrível” são conseguidas por meio do *enjambement* não apenas de frases no interior das estrofes (“Pode crer / nas coisas [...]”) e entre estrofes (“[...] isso eu // recordei [...]”), mas de palavras (ou sinafias: “[...] nosso o- / fício [...]”), como adiantamos. Menos incomuns, algumas toantes, como “juro-muito”, equilibram de certo modo a imprevisibilidade radical das outras. Vale notar ainda, no jogo de construção dos

imprevisíveis (acabando com esse papo de rima rica e rima pobre). A rima toante não é garantia, mas ajuda bastante a alcançar um bom grau de imprevisibilidade” (2018, p. 416).

versos, entre o 1º e o 2º tercetos o encadeamento seguido de anacoluto: “[...] reu. Mamãe também. Tenho um filho. Juro / (e olha que sou ateu de carteirinha) // que jamais vi um jogo tão incrível”, completando a dicção poética baseada na interrupção, na suspensão e no fragmentário.

Embora “O jogo” compusesse sem dúvida um livro autônomo, decidiu, e bem, o autor juntar a esses os “Insonemínimeus” (outra palavra-valise que encerra os termos *insonne*, *soneto*, *mínimo*, *meus*), sonetos “desentranhados de apenas uma frase com catorze sílabas” (SALGUEIRO, 2019b, [p. 11]). Virtuose, as vogais e as sílabas captam um lance de reflexão, como em “Na pia”: uma persona convencional (“mera tia”) não alcança o fruto, *in natura*):

Na pia
a pêra
havia.
(Ou era.)

Se à
vera
ia a
mera

tia
tê-la,
ela

sumi-
a (per
se) -se.

Na pia a pêra havia. (Ou era.) Se à vera ia a mera tia tê-la, ela sumia (per se) -se (SALGUEIRO, 2019a, p. 69).

Nos quatro blocos seguintes (“Lugares”, “Amor”, “Contingências”, “Lembranças”), Salgueiro agrupou, em cada um, seis poemas. A topografia variada das compras, das aulas, dos porões ditatoriais ou das casas serve de tema aos poemas de “Lugares”; o afeto e seus desdobramentos compõem “Amor”; em “Contingências” a oscilação do pensamento frente às aporias ou aos disparates da vida. “Lembranças” traz predominantemente o que parece estar disperso nos outros blocos: qualquer coisa de pseudoautoficcional, isto é – ou seria – de ficção fingindo-se de quase história pessoal. Talvez aqui Wilberth

Salgueiro ensaie o soneto-crônica, à Rubem Braga, em que o passado colegial em Cachoeiro, a juventude na carioca Vila Isabel ou o papel de pai inaugurado em Vitória ressoem, delicadamente. Apesar desse verniz “pessoal”, vale demarcar com o poeta que, embora o autor se camufle sem cessar nos versos, “a ideia é dar voz aos personagens [...] seres reinventados” (SALGUEIRO, 2020, p. 462).

A narrativa e uma evidente persona, Micha – cujos sentidos onomásticos encorpam essa figura: pão feito de diversas farinhas; migalha –, retornam no 7º bloco com 16 sonetos sobre o suicídio anunciado de um *gauche* negro, professor e poeta com sua “história triste de se rir”. Nessa série, o aspecto existencial se coaduna ao social, formatando um caminho humano sem saída e sem volta. Seguem-se os “Personecontos” e “Oito sonetos antigos” (de 1991 a 2002), desfechando o volume.

A heterogeneidade cronológica do livro se justifica: Salgueiro recolhe em um seu conjunto de sonetos até então produzidos. Tal volume permite aos/às estudiosos/as a observação do percurso do poeta na concepção e construção de seus catorze versos ao longo dos anos. Como declara o poeta:

Fazer um soneto dá muito trabalho – e não cabem eufemismos aqui. Há uma forma/fôrma a ser cumprida, e a conta tem de fechar. Com frequência, você (refiro-me ao poeta) pensa um verso, percebe que ele é lindo, maravilhoso, perfeito, e vai ver ele tem 9 ou 11 sílabas – e sem chance de hiatizar ou ditongar alguma sílaba. Para um sonetista ortodoxo como eu, o jeito é refazer o verso (o que significa abandonar, sem dó, aquele verso lindo, maravilhoso, perfeito), e esta é a dor e a delícia de escrever (2018, p. 418).

Bith ou Wilberth Salgueiro é, percebe-se, exímio herdeiro de uma tradição avessa ao discursivismo emotivo e pretensamente espontâneo da poesia. Cada palavra, cada verso, cada ritmo, cada som precisa de sua razão de ser *no* e *pelo* poema, cabralinamente a seco. Nada mais. Contudo, mina nesse trabalho rigoroso a *umidade* necessária que torna a literatura expressão do inescapavelmente humano: o afeto, a dor, a tensão, a amizade, a memória, o trauma, o prazer, a reflexão, o humor. Nesse sentido, o poeta procura se desvincular relativamente

do que ele – em persona crítica – afirma a respeito da poesia contemporânea brasileira:

Em linhas gerais, se trata nossa poesia contemporânea de [a] uma produção solipsista, centrada nos acontecimentos singulares da vida do sujeito que escreve – **ensimesmada**; de [b] uma produção indiferente a questões de cunho político, social, coletivo – **desengajada**; de [c] uma produção em que rareia a presença crítica do humor (quando muito, dá-se a ver certa ambivalência irônica) – **desengraçada**; de [d] uma produção que, além de se encastelar em alusões a herméticos acontecimentos da vida do autor, excede em jogos e torneios metapoéticos – **autotélica** (SALGUEIRO, 2018, p. 420-421).

Sensível ao coletivo, de que se desprende certo engajamento, propenso ao humor e – cedendo aqui e ali ao canto de Iara da poesia – ao metapoético, o conjunto sonetista de Wilberth Salgueiro é, como afirma Miranda, “[...] tecnicamente ousado, lança pra frente a bola da poesia brasileira”. Após a leitura dessa *sonetança*, o/a leitor/a não terá dúvida: sim, jogada de mestre.

Referências:

BITH. *Anilina*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1987.

BITH. *Digitais*. Rio de Janeiro: Portopalavra, 1990.

BITH. *32 poemas*. Vitória: Edição do Autor, 1996.

BITH. *Personcontos*. Vitória: Flor&Cultura, 2004.

BITH [Wilberth Salgueiro]. Cenas de uma vida em sete capítulos e alguns poemas. In: SODRÉ, Paulo Roberto; FREIRE, Pedro Antônio; AMARAL, Sérgio da Fonseca (Org.). *Brav@s companheir@s e fantasmas 8: estudos críticos sobre o(a) autor(a) capixaba*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018. p. 412-424. Disponível em: <https://blog.ufes.br/neples/files/2020/04/E-book-Bravos-companheiros-e-fantasmas-8-com-ISBN-corrigido_compressed.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. O “futebol de poesia” na literatura e na música popular brasileira. In: VERMES, Mônica; SODRÉ, Paulo Roberto; SALGUEIRO, Wilberth (Org.). *Entre literatura e música*. Vitória: Edufes, 2019. p. 39-62.

SALGUEIRO, Wilberth [Bith]. Entrevista a Andréia Delmaschio e Vitor Cei. In: CEI, Vitor et al. (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2020. p. 461-469.

Recebida em: 10 de maio de 2022.
Aprovada em: 23 de outubro de 2022.